



As boas perspectivas com a conversão reativaram os negócios nas bolsas de valores

Primeiro leilão será em março

Excitando as bolsas de valores do País e elevando a cotação da dívida brasileira no exterior, a conversão dos débitos com os bancos internacionais em investimentos no Brasil foi finalmente acertada na semana que passou. O primeiro leilão para converter parcelas da dívida em capital de risco foi anunciado para a última semana de março, possivelmente no dia 29, e sua realização ficará a cargo da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Os leilões serão realizados em sistema de rodízio pelas bolsas do Rio e de São Paulo, segundo acordo feito entre as duas instituições, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Banco Central.

Pelo acordo, as corretoras de valores se encarregarão dos lances, representando os interesses de investidores, dos fundos de conversão e das empresas interessadas em investimentos.

DESAGIO

Será convertida por meio dos leilões a dívida vencida, o equivalente a 25 bilhões de dólares. Esse dinheiro representa o débito pago pelos empresários, mas não convertido em dólares pelo BC para o pagamento dos bancos. A idéia básica dos leilões é conseguir o maior descon-

to (deságio) possível sobre as parcelas da dívida, que posteriormente serão transformadas em recursos para empresas brasileiras. Ou seja, o investidor estrangeiro que oferecer o maior desconto sobre o seu crédito, ganha o leilão. O deságio mínimo será estabelecido pelo BC, guiado pelas forças do mercado.

O presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcelos, acredita que os leilões poderão converter mensalmente cerca de 150 milhões de dólares. A CVM já aprovou propostas para a conversão através de fundos de conversão no valor de 500 milhões de dólares e mais 300 milhões de dólares estão sendo examinados. Esses fundos, entretanto, estarão obrigados a participar dos leilões como os demais interessados. Os fundos de conversão transformarão os débitos convertidos em cotas para aplicações em ações a serem negociadas nas bolsas de valores do País.

ENTUSIASMO

Entusiasmadas com a possibilidade de injeção de novos recursos, as bolsas têm jogado muita força nos leilões. O diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas, entretanto, prefere ser cauteloso ao

prever qual será o volume de dinheiro convertido. "Tudo dependerá das contas fiscais do Governo". Freitas explicou que a dívida convertida significa um desembolso em cruzados para o Tesouro e se transforma, imediatamente após a conversão, em dívida interna. Como o déficit público está alto, fica difícil de avaliar qual o teto mensal para os leilões.

Qualquer que seja ele, porém, a metade do valor a ser leiloado de cada vez será destinado às chamadas "áreas incentivadas" — Norte, Nordeste, Espírito Santo e Vale do Jequitinhonha. Caso não haja interesse para investimento nesses locais, as parcelas ficarão reservadas para os leilões seguintes.

O diretor do BC explicou também que não haverá pré-qualificação para os participantes do leilão. Após os pregões, os vencedores terão cinco dias para se dirigir ao BC, através das corretoras, e indicar os valores a serem convertidos, as contas aonde estão depositados e os receptores dos investimentos. O BC examinará somente se as empresas a serem beneficiadas pelos investimentos podem receber recursos externos. Órgãos de imprensa ou empresas de informática, por exemplo, não estão habilitados, por lei, a esse tipo de capitalização.